

Fábulas e Contos de Almeida Garrett

A QUEM LER

No ano de 1828, era Londres, se publicou o primeiro volume dos versos ou «poesias fugitivas» do Sr. Garrett. Extinguiu-se em pouco tempo a edição; mas o autor, ocupado de outros trabalhos e preocupado de mais sérios cuidados, não tratou nunca de preparar a reimpressão que, entre nacionais e estrangeiros, pediam todos os colectores de suas obras.

Até ao ano de 1841, não lhe foi possível nem lançar os olhos aquele modesto volume que, sob o nome de *Lírica de João Mínimo*, tão popular o tinha feito, e algumas de cujas peças já tinham merecido ser trasladadas nas línguas mais cultas da Europa.

Nesse ano, retirado a descansar no campo de grandes fadigas de corpo e de espírito, deu enfim algumas horas de mais lazer a repassar as composições de sua infância literária, e a escolher as principais das que, em mais feita idade, lhe tinha arrancado a condescendência com amigos, ou a irresistível inspiração de algum objecto ou circunstância da vida que mais o impressionara.

Resmas e resmas de papel lhe vimos destruir e queimar ao fazer desta escolha. E apesar do desapiedado apuramento, ainda ficou uma Colecção copiosa que, entre o já impresso e o ainda manuscrito, dava ¹oatéria para bons quatro volumes.

Enfieí-ou tudo por géneros e datas, – algumas das quais só estavam na pouca exacta reminiscência do autor. Mas depois de tentado e desprezados vários métodos, assentou por fim – que dos quatro volumes ficaria sendo o primeiro essa mesma *Lírica de João Mínimo*, apenas alterada da primitiva edição de Londres em leves diferenças de Colocação, e acaso aditada com alguma composição juvenil que o autor desprezara, mas que reclamavam os seus apaixonados; – que o segundo, sob o título de *Flores sem Fruto*, conteria o resto das composições líricas da sua primeira e segunda época; – que o terceiro seria destinado às *Fábulas e Contos*, e por apêndice aos Poucos sonetos que não entregara às chamas; – o quarto volume finalmente, com o título de *Folhas Caídas*, foi dedicado às Produções de idade mais madura e que ele considerava como os seus últimos versos,

Destes quatro volumes assim detalhados, não se tratou todavia por enquanto de dar ao prelo senão o segundo, as de *Flores sem Fruto*, que ainda assim só vieram a imprimir-se em 1845.

E nem a popularidade que obteve o livro, nem o remanso de maiores lidas, que por então gozou o autor, o puderam mover a pôr a última mão a nenhum dos outros.

Somente em princípios de 1851 entrou na imprensa o primeiro volume, isto é, a segunda edição da *Lírica de João Mínimo*, e o quarto, isto é, as *Folhas Caídas*.

Motivos bem notórios de serviço público vieram reclamar toda a eficácia e atenção do nosso autor; e os dois volumes lá ficaram abandonados na imprensa, meio compostas e meio revistas as folhas. Assim estiveram dois anos até princípios do actual, 1853, em que felizmente desembaraçado e liberto, pôde outra vez dar-se aos seus queridos cuidados literários.

Publicou-se então a *Lírica* e as *Folhas Caídas* aquela muito correcta e avantajada à primeira edição; estas cerceadas e mondadas pelo autor, que apenas ficou uma pequena brochura do que tinha sido um volume regular.

Em poucos dias porém desapareceram as *Folhas*; – bons e maus ventos.., voaram.

E sendo reclamada pela opinião e pelas necessidades do comércio uma segunda edição, resolveu-se o autor a fazer da reimpressão desse voluminho, e do inédito que era destinado às Fábulas, Sonetos, etc., um só tomo, com o título de *Segundo Volume dos Primeiros e Últimos Versos*.

Para resumir deste modo, era necessário porém queimar ainda mais sonetos e mais apólogos. Assim se fez, sendo género de ocupação em que muito parece comprazer-se o autor.

Mas por tal modo, com estes dois volumes e com o das *Flores sem Fruto*, está completa, em três tornos regulares, a colecção das poesias menores do Sr. Garrett; nome pelo qual sempre será mais conhecido o visconde de Almeida Garrett, a quem as dignidades políticas não elevam nunca acima do que a si próprio se eleva por seu engenho e estudo.

Detractores e inimigos gratuitos – porque não invejosos também? – podem clamar que essas dignidades rebaixam o nome podem exaltar.

E um sofisma de calúnia, porventura admissível como se, republicano e demagogo, o autor de *Camões*, de *Gil Vicente* e de *Frei Luís de Sousa*, houvesse alguma hora professado as hipócritas doutrinas do nivelamento social, que tão poucos aclamam com sinceridade, e menos ainda com perseverança. Mas a tribuna, a imprensa e o Conselho o viram sustentar sempre com denodo e dedicação a causa da monarquia, sustentá-la como inseparável da causa da liberdade do povo, da qual é não menos zeloso e estrénuo defensor.

A verdade é que as distinções monárquicas tanto dão lustre ao mérito e o recebem dele, quanto se envilecem e prostituem lançadas à ignávia ou ao demérito que não conseguem enobrecer.

O dia em que os reis compreenderem bem este axioma, será o último das aspirações demagógicas.

Voltemos porém à história da nossa colecção. Não ficou ela nem rigorosamente cronológica nem perfeitamente sistemática. Participa de uma e de outra coisa, enevoadas de um certo mistério que muito por acaso a envolve, sem nenhuma prevenção ou pretensão da parte do autor.

Na *Lírica de João Mínimo*, tal como no principio deste ano se publicou, está a infância poética, toda a vida juvenil do homem de letras, do artista, do patriota sincero e inocente, do entusiasta da Liberdade que ainda não conhece, que ama com exaltação, que serve com fervor, e pela qual sacrifica de bom grado a pátria, o sossego doméstico, a fortuna, a saúde e quanto os homens mais prezam. Há nessa lira uma corda que já soa de amor, do amor apaixonado, ardente, cioso que um dia abafará talvez as outras todas. Mas os gemidos soltos que por agora lança, os vagos suspiros que balbucia mostram bem claro que no coração do poeta dormem ainda as tempestades que porventura lhe hão-de agitar depois a vida. Para tudo o que não é a Pátria e a Liberdade, é túbio e froixo o seu canto, desgarrado e mal sentido. Há-de entrar muito fundo nesse coração a pena ou o prazer, antes que chegue a fazer vibrar a corda Intima que está silenciosa, distendida – e apenas geme a espaços como harpa eólia pendente do ramo, que, agitada por incerta brisa, suspira vaga e saudosa, sem a percutir ninguém, por ninguém, por coisa nenhuma, e só movida de um indeterminado pressentimento do que há-de ser, do que pode ser, do que talvez não Seja nunca.

Fala de amor o poeta... Sim, fala, e há Délias e há Lílias, e há flores e há estrelas, e há beijos e há suspiros, e há todo esse estado-maior e menor de um exército de paixões que sai a conquistar o mundo no Principio da vida de um rapaz cheio de alma, de fogo, de exuberante energia e veemência de sangue. Mas esse exército é todo de parada,

forma bem na revista – em travando peleja séria, há-de fugir, porque ~ boçal e não o anima nenhum sentimento verdadeiro e tenaz. Vê-se o poeta através do amante: falso amor e falsa poesia! Quando um e Outro são verdade, não aparece senão o amante, não se vê senão a paia arte some-se, anula-se diante dela: então vem a poesia do coração.

Não há ainda dessa poesia na *Lírica de João Mínimo*. A da alma sim. Nos três livros em que se divide a *Lírica* estão as três primeiras épocas da existência do mancebo. As impressões e aspirações da infância que desponta à puberdade, os instintos da glória, do amor patriotismo suspiram no primeiro livro, que se sente escrito no da casa paterna à repousada sombra das faias e das laranjeiras da sua ilha no meio do Atlântico,¹ e logo depois às margens clássicas do Mondego, nas horas vagas dos estudos superiores. O segundo li-vro é nova era para o poeta e para o patriota. Alceu imberbe, tribuno de dezasseis anos, levanta-se com a revolução, destitui todos os ídolos velhos, e canta senão hinos à liberdade. O profundo sentimento monárquico lá ressumbra todavia sempre dos mais exaltados cantos com que se insurge a sua musa revolucionária. Vê-se que, apesar de todo o ímpeto que leva essa carreira, jamais há-de precipitá-lo na anarquia. O irreconciliável inimigo dos déspotas e dos hipócritas não há-de ser o amigo dos demagogos, nem blasfemar jamais contra Deus e a religião em nome da liberdade que adora como emanção do seio divino.

No terceiro livro aí está ele repousando no lar paterno meu—as lidas públicas; ai canta em suaves endechas os mais puro affectos da família, a saudade dos que já não vivem, o carinho dos que ainda o abraçam. Mas a pátria, essa pátria que há-de renegá-lo e proscrevê-lo daí a pouco, a liberdade que há-de fugir bem depressa, vem tirá-lo do seu momentâneo descanso. Os cinco anos da vida de Coimbra passaram, o sossego da casa materna a que regressou cansa-o. Ele que sai outra vez da sua ilha tranquila para as tempestades da capital. A do povo é traída, abandonada... ele não a abandona; prefere o auxílio, e em terra estrangeira o ouvimos cantar as suas imprecações, as suas saudades e a constância indómita do autor do *Catão*.

Tal é a história da *Lírica de João Mínimo*, que termina em 1824.

Começa no ano seguinte a das *Flores sem Fruto*, colecção já muito menos volumosa, porque a superabundância de seus poéticos tem já outras derivações. O *Camões*, a *Dona Branca*, a *Adosinda*, absorvem muito dele. Forma-se com a experiência e a observação na terra estrangeira o talento do publicista, aperfeiçoa-se na pátria com a prática; começam as lutas políticas de 1826, em que o redactor d'*O Português* e d'*O Cronista* mostra que, se a natureza o fez poeta, o estudo e o amor do seu país o fizeram orador eloquente e escritor político abalizado.

Nova emigração, novos trabalhos literários e políticos, e novos cantos líricos também, em que ora geme, ora triunfa a liberdade. – Mas no segundo dos dois livros das *Flores* começam as paixões do coração a tomar posse mais ampla e mais tenaz do poeta. Seria que as desilusões da política, os desapontamentos da vida pública, as defecções da amizade o levassem a refugiar-se nas quimeras desse outro país de sonhos, em que o despertar não é todavia nem menos desanimado nem menos triste?

Não sei: a vida de um poeta há-de sempre ter capítulos misteriosos, transições inexplicáveis e inesperadas; a filiação de suas ideias e de seus sentimentos é quase sempre criptogâmica. O certo é que, nas primeiras composições dramáticas do restaurador do nosso teatro, o amor não existe. No *Catão* e na *Mélope* só há as paixões de alma, o amor da pátria ou da família; no *Gil Vicente* porém já o coração toma o primeiro lugar – disputado ainda pela glória, pela paixão das letras, da arte –, mas o primeiro.

¹ Em Angra, na ilha Terceira, capital dos Açores.

Nesta segunda colecção lírica do nosso autor, basta a peça que tem por título *As minhas asas* para se ver que o homem público, o filósofo, o poeta da glória e da liberdade pagou enfim o tardio e pesado feudo de sua independência vencida e subjugada. Até então as homenagens ao suserano eram meias de escárnio, eram um tributo de condescendência – de uma como elegante ironia! O estado de coisas é outro agora.

As *Folhas Caídas* continuam esse estado. Os seus dois livros (que na primeira edição foram um só) visivelmente o mostram.

As *Folhas Caídas* são o principal neste segundo volume dos *Versos*, que vem a ser o terceiro, porque entre ele e o primeiro estão as *Flores sem Fruto*. As *Fábulas* e os *Sonetos* não são senão apêndices ou acessórios; e por suas datas e por seu género pertencem mais à primeira colecção de que acima falámos, do que a esta terceira de que vamos ocupar-nos.

Aquí os sentimentos patrióticos, o amor da glória, o entusiasmo da liberdade têm ainda saudosos ecos na lira do poeta. Mas a energia, a veemência de suas cordas não vibra já senão com outra paixão mais ciosa e mais exclusiva. As Júlias, as Délias, não se contentam já de inspirar, dominam absolutamente o coração do poeta, os hinos, as canções, as imprecações mesmas da sua lira.

Que é de o Alceu que bramava liberdade, o Anacreonte que zombava com o prazer, o Tirteu que precedia as falanges da Terceira ao pé do pendão azul e branco da jovem Rainha dos exilados? Que é das elegias suaves e melancólicas do autor do *Camões*? Que é feito dos desgarrs semi-rabelaios do poeta de *Dona Branca*, dos sarcasmos birónicos e incrédulos, dos sorrisos mefistofélicos espalhados por essas *Viagens na Minha Terra*, pelo *Arco de Santana*, por tanto volume de Prosas e de versos?

Tudo isso acabou, porque acabaram provavelmente todas as decepções do seu ânimo, e não ficou, em lugar delas, senão outra decepção maior que engana mais cega, e venda mais apertada.

Tais são as *Folhas Caídas*, última palavra até agora. mas que 'São será a derradeira do nosso poeta: afoitamente o confiamos. Confiamo-lo de seu engenho grande, de sua alma elevada e nobre, traduzimo-lo da sua admirável introdução ao pequeno volume que hoje reproduzimos.

As *Folhas Caídas* não são o fim, são a transição.

O que virá depois sabe-o Deus, sabe-o o destino misterioso de uma existência à parte, que não tem lei nas regras, mas nas excepções da humanidade.

O tempo o mostrará, porque uma vida, que tão longa parece por tão cheia que tem sido, é ainda curta e moça bastante para nos deixar aguardar sossegadamente pelo futuro que esperamos dela... e muito!

PRIMEIROS VERSOS

FÁBULAS E CONTOS

Senti sempre que a língua portuguesa era para todo o género de composições. E o rebelar-se ela em algumas pareceu-me que era mais inabilidade de quem a conduzia do que defeito próprio seu. Por honra dela, mais que por vaidade minha, tentei compor em tão desvairados assuntos e géneros como tenho feito. Hoje estou crente e firme convencido de que a tudo serve, a todo estilo se presta. Nem me persuadi mais disso por alguma coisa em que saí bem de meus ensaios, do que pelas muitas em que falhei.

A singeleza de seu dizer, uma certa malícia popular e mordente de sua inocência saloia faz o dialecto português eminentemente próprio para o Apólogo e para o Conto.

Está pouco trabalhado o género entre nós em verso. Mas as Fábulas dos animais, contadas em prosa pelas gentes do campo, têm tanta graça de estilo como as de Esopo e de Pilpay; e as narrativas do *Decameron* popular em que sempre figura o frade, a mulher do sapateiro, o marido logrado, o amante umas vezes bem sucedido em seus artifícios, outras colhido neles próprios e punido de sua audácia, não têm que invejar a La Fontaine ou ao licencioso italiano que fez as delícias de nossos gaiatos avós da Renascença.

Quando, em bem criança, quis também ensaiar a minha pena neste género, não adverti tanto no que agora escrevo e penso.

Fique pois o meu mau exemplo, fique a minha queda por farol de aviso aos que navegarem neste rumo, para que saibam que as imitações dos estrangeiros são perigosas sempre, e quase sempre infelizes quando se não põem bem diante dos olhos os únicos tipos verdadeiros, que são a natureza, a índole da língua, e os modos de dizer do Povo em cujo idioma se escreve.

Também compreende a segunda parte destes meus «primeiros versos» alguns Sonetos, poucos. De centos que fiz, e que me fizeram fazer, apenas deixei estes. Não são bons, e eu não gosto do género, que por índole própria é pretensioso e factício. Mas confesso que hoje tenho remorso da reacção que promovi contra o Soneto. Tinha ao menos restrições e dificuldades que não tem a solta liberdade das Canções descabeladas e *plusquam* românticas, pelas quais foi substituído; na qual soltura cresceu descompassadamente a turma dos janízaros do Parnaso, que levaram a anarquia poética além de todas as raías do senso comum.

Se nós invocaremos ainda o Soneto e a Arcádia e a Academia, como os povos, cansados e enfastiados das orgias da liberdade desenfreada, invocam a tirania, último e fatal remédio dos males presentes, que lhes fazem esquecer os passados? Oxalá que não, porque a coisa era muito sem-sabor e muito pedante. Mas esta é tão piegas!

Da literatura piegas nos livre Deus, sobre todas as coisas.

Enfim, a história do mundo não é senão uma série de reacções e contra-reacções. A da Literatura é o mesmo. O que unicamente fica imutável são os eternos princípios da verdade, do gosto, e da razão em tudo.

Lisboa, Janeiro 1853.

FÁBULAS E CONTOS

LIVRO ÚNICO

I

INTRODUÇÃO

Caíram com a folha os meus prazeres;
E as musas, caro Gomes,² que, outro tempo,
Torrentes de astro me esparziam n'alma,
Até as mesmas musas
Sem dó, sem compaixão desampararam
O froixo amante inválido.
Embalde as chamo, e as desmontadas cordas
Da saudosa lira
Lhes peço ao menos que sequer me afinem.
São belas, como belas, caprichosas:
Não me admirou que fujam.

Porém, amigo, no celeste coro,
Como por cá na terra,
De milagre inda às vezes se depara
Com alma benfazeja.
Das nove irmãs gentis a mais gaiata,
Garrida e brincalhona,
A galhofeira. mágica Talia,
Rindo-se às gargalhadas
Da lamúria que fiz par ver fugi-las:
– Deixa, me disse, és louca;
Deixa, que elas virão sem que as tu chames:
È costume do sexo,
Assim fazemos todas.
E que lhes queres tu? que encantos achas
Na macilenta, pálida Melpómene,
Que, desde que houve em Grécia um tal Ésquilo
Até o dia de hoje, Sempre lagrimejando
Nos seca, nos enjoa
E nos quebra os ouvidos com gemidos?...
Sempre se anda a matar e nunca morre
As outras – na verdade,
Aqui muito em segredo.
Estas minhas irmãs... Não é má-língua;
Não é jeito da *saia*... mas decerto
Não sei esses poetas
Porque tanto as incensam, tanto as buscam.
Olha: o velho Filinto,

² O Dr. Francisco Gomes da Silva, meu companheiro e amigo da Universidade.

Que tu, e os teus patrícios – boa gente –
 Tanto gabaram. aplaudiram tanto,
 Sem lhe matar a fome,
 Posto que a todas nós galanteava,
 Contudo a do seu peito
 Foi a mana Polímnia.
 Nunca vi um namoro mais rançoso;
 Fizeram dúzias de Odes... dúzias! – centos.
 Tantas e tantas foram,
 Que enfim o mano Apolo
 Já de Odes enfastiado,
 Assim que o pobre velho deu à casca,
 Protestou, e protesta
 Não dar a mais ninguém o ofício vago
 De Lírico da casa.

Calíope, essa tola empavesada,
 Que Homero, e o teu Camões, Virgílio e Tasso
 Tão mal acostumaram,
 Sempre de bico doce,
 Torce o nariz a tudo,
 E diz que a ninguém mais quer dar cavaco;
 E até, se não soubesse
 Que um tal poeta lá da tua terra
 Que faz *Orientes* e baptiza *Gamas*,
 E a quem nós todas temos mortal osga,
 Fora frade também..., que ia ser freira.
 As mais é tudo o mesmo,
 São todas desdenhosas:
 Além disso têm lá os seus namoros,
 E não querem largá-los.

Eu cá não sou assim... Porém não penses,
 Por me ver rir com todos,
 Que a todos quero, que namoro a todos.
 Engana-se comigo muita gente,
 Tenho enganado a muitos
 Que julgam conseguir os meus favores:
 Caem como uns patinhas
 Nas peças que lhes armo.
 Cuidou que me pilhava aqui há tempos
 Um tal cantor de *Burros*,
 Macaco enciclopédico
 Que em tudo quer meter-se.
 Preguei-lhe um logro... oh este foi machucho:
 Vesti a minha moça da cozinha
 Que vocês lá no mundo
 Apelidam Chalaça,
 Que sempre anda metida entre estudantes,
 Marujos e arneiros,

Vesti-a cume roupa do meu uso
 Já rota e desbotada,
 E mandei-lha em meu nome ao tal poeta,
 Que a pílula engoliu,
 E muito satisfeito da conquista,
 Por tal a deu aos parvos
 Que as sujas trovas, que os imundos versos
 Extasiados aplaudem.

Quando eu tinha os meus doze, e era donzela...
 (Que hoje, crê-me a verdade,
 Vai cá no Olimpo o que lá vai na Terra!)
 Namorei-me de um Grego: oh! belo amante!
 Chamava-se Aristófanes:
 Dei-lhe, entreguei-lhe tudo
 – Como o teu Camões disse –
 O que deu para dar-se à natureza.
 Um Frígio corcovado,
 Mas que tinha mil graças
 Que a corcova das costas lhe encobriam,
 Soube também vencer-me.
 Com estes dois gozei prazer tão doce,
 Tão deleitosas horas,
 Que os monumentos delas
 Inda lá pela terra *os* mimos fazem
 De quantos sentem de meus dons o preço.

Quando no Sena ovante,
 Quando no Tejo e Tibre
 Se ergueram nossos templos
 Que a bárbara ignorância derrubara,
 Ao cantor do *Lutrin*, ao da *Pucelle*,
 Ao mago autor do santarrão *Tartufo*,
 Ao teu do bento *Hissope*,
 E a esse galhofeiro Italiano
 Que aos animais deu fala,
 Dei-lhe os favores, franqueei-lhe os mimos
 Que a Ariosto, a Gil Vicente,
 Que aos outros todos concedera outrora.
 Se o que eles foram sabes,
 Quanto eu valho aprecia.
 Eu não sou como as manas,
 Rio de tudo, tudo rindo ensino;
 E nas coisas mais sérias
 Acho, descubro o lado
 Em que o sal do epigrama encaixa a jeito.
 Por mim da atroz afronta,
 Por mim da escravidão, por mim da inveja
 O engenho se despica,
 E num só *trait d'esprit*, de eterno opróbrio,

Co selo do ridículo,
 Marca do indelével na ignorância imprime,
 Na presunção, no orgulho.
 Toma (e, dizendo, me entregou a lira),
 Toma, e conhece quanto podem risos
 Da mágica Talia.
 Fere-a, e, se os sons mal destros,
 Desafinados, rudes te saírem,
 Começa nisso mesmo
 A gozar minhas dádivas;
 Ri-te deles, de ti, ri-te da lira,
 E de mim se quiseres. –
 Tal me falou a minha bela deusa
 Que tantas gargalhadas,
 Nos dias folgazões de nosso tempo,
 Nos fez dar tantas vezes
 Quando na voz roufenha
 Do nosso matemático Alvarenga,³
 Às mãos-cheias vertia
 Pilhérias do *Caipira e Esganarelo*,⁴
 Do empulhado *Avarento*.
 Satisfeito da oferta, e mais que dela,
 Do longo e bom cavaco,
 – Cavaco que jejuo há tanto tempo!
 Cavaco suspirado
 Com que me acenam já vésperas santas
 De tardio feriado! –
 Toquei, ou antes arranhei à toa
 Os versos que te mando.
 Ri-te se forem bons e se gostares,
 Ri-te se forem maus e te enjoarem,
 Ri-te, ri-te, que o mundo
 Não se pode levar de outra maneira:
 Assim *o* ensina a deusa.

Coimbra – 1820.

³ Outro amigo da Universidade.

⁴ Farsas que representávamos no nosso teatro.

II

PELO ZURRO O BURRO

CONTO ACADÉMICO

Naturam expellas
Furca, tamen usque recurrat.

HORAT.

Era uma vez: diz mestre La Fontaine.
Que lho dissera Fedro seu amigo.
Que lho dissera um grego corcovado...
Pois tudo neste mundo vai por ditos,
Tudo se diz porque outros o disseram...
E talvez que não fosse La Fontaine,
Mas foi outro que tal, que vale o mesmo.
Um dia... mas o fio à minha história
Não o torno a quebrar por coisa alguma:
Poema que tem muitos episódios
Nunca pode ser bom, nem bons ser eles:
Diz padre Horácio ou outro tal como ele
Destes que intentam acanhar o génio
Com leis servis por eles arrançadas
Que, segundo a moderna guapa escota,
As não pode sofrer de tais birbantes.
Um dia pois o pai de homens e numes,
Como eu ia contando aos meus leitores...
– Se é que a sorte, que os nega a bons poetas
Mos deparar a mim, chulo trovista –
A rogos, mas de quem já me não lembra,
Asno felpudo de orelhões caídos
Quis transformar em férvido ginete;
E ao bom Mercúrio, seu fiel ministro,
Manda que o longo pêlo lhe tosquie
E um bom naco cerceie das orelhas.

Era grande o burrico, nédio e gordo.
E por milagre do supremo Jove,
Que sempre faz como este bons milagres,
Ei-lo desempenado e mui lampeiro,
Qual andaluz coroei ou égua arábia,
A par doutros corcéis se vai trotando.
O povo cavalar na forma nova
Não reconhece a burrical maranha.
Como eles folgazão retouça e pula,

Ladeia, faz coroavas, trava o passo,
 Enfim parece – tanto podem numes
 E tal é o poder de um bom milagre! –
 Cavalo-mestre e feito em picaria.
 – Qual rústico peão de bronca aldeia
 De tamancos nos pés, no saco a broa,
 Que vem para embarcar lá da província,
 E para um tio, que é senhor de engenho,
 Ricaço em pretos, em arroz, melaço,
 Engoiado aprendiz vai ser caixeiro:
 Morre-lhe o tio, eis o rapaz num sino,
 Vende pretos e pretas e melaço,
 E vem, Creso de cocos e patacas,
 Meter toda Lisboa num chinelo:
 Já por boas, luzentes amarelas
 Serôdio compra fidalguesco foro...
 Dantes – que hoje a visita da saúde,
 Em cheirando a caturra, a bordo o prende,
 E é já barão quando põe pé em terra.
 Ei-lo que alteia os ombros encolhidos,
 Entufa em vento as bochechudas belfas,
 Empina a pança, engrossa a voz pausada.
 E no tropel dos nobres envolvido,
 Se o não conheces, crera-lo provindo
 Dos que nos velhos pergaminhos vivem.
 Tal já desorelhado e ufano o burro
 Entre altivos ginetes campeava.
 Mas, oh! fado infeliz, mesquinha sorte!
 Quando entre os novos ledos companheiros
 Se vai trotando com pimpão meneio,
 Ei-lo depara com vilã jumenta
 De hirsuta felpa e de costado esguio,
 Que os fios corta d'alma a quem a via,
 Como bem diz Latino-luso vate
 De mui gaiata e festival memória,
 Súbito esquece o recém-nobre estado,
 Lembram-lhe antigos, burricais requebros
 E o tom galanteador de asnal namoro:
 Estira amante o beijador focinho,
 E em notas de invejar por um Lablache,
 Salmeia airoso, compassado orneio,
 Deixa os amigos e a zurrar se fica?

Ora pois, como fez o senhor lave,
 Fez certo grão senhor de letras gordas
 E protector das magras. – Foi milagre
 Que pela intercessão foi operado
 De uma a que chamam deusa da Sandice,
 De outra Impostura e de outra Pedantice.

Começa o caso co outro parecido.

Havia em certa terra muito longe,
 Lá nas pontes dos pés deste hemisfério,
 Que dizem fora outrora povoada
 Por certo beberrão feitor de Saco,
 Havia uma família de animáculos,
 Zoófitos, e quase microscópicos,
 Aos quais Lineu, que achou nomes a tudo,
 Nunca deu nome, nem espécie ou género,
 Nem eu lho sei também, só sei que arrotam
 Textos, medalhas, químicas rançosas,
 Que trazem na algibeira um compassinho,
 Muito acanhado, curto e pequenino,
 Talhado ao molde dos miolos deles,
 Com que querem medir todo este mundo.
 Destes pois – e aqui vai o grão milagre –
 Burros na forma, na ciência burros,
 Mas burros mais que tudo na cachola,
 Quis o tal grão senhor citado acima
 Fazer– ó musa o quê? – Dize, não temas,
 Não fujas, diz e vai-te. – «Uma Academia»
 Disse a musa e safou-se às gargalhadas.
 Mas que Academia! – Oh! venham as brilhantes
 De Londres, de Paris, de Petersburgo
 Beber aqui ciência não sabida
 De assopradadas, pomposas ninharias.
 Que produções, que produções! Oh quanto
 Quanto seria mais se um deus maligno,
 Inimigo dos guapos académicos,
 Das três que Deus nos deu potências de alma
 Lhes não sacasse duas à sorrelfa,
 Deixando só memórias e memórias...
 Quanto seria mais, quanto fulgira
 Em gordos, grossos, grandes calhamaços
 A portuguesa, majestosa língua,
 Se os novos sábios, no começo à empresa,
 A antigas manhas não perdendo o afinco,
 Não encontrassem por desgraça nossa
 Cum pérfido *azurrar* – zurrar maldito!...
 Ficaram no Azurrar sempre zurrando.

Coimbra – 1818.

III

AMOR E VAIDADE

FÁBULA

Já mais veloz corria o espaço usado
 Que as horas marca ao dia
 O deus que atrás de Dafne
 – Infrutuoso trabalho! – dera às gâmbias;
 E aos braços de Anfitrite ia mais cedo
 Dos trabalhos da luz gozar nas trevas
 Desejado descanso.
 Iam secando pelo prado as ervas,
 E o verde-escuro dos frondosos montes
 Amarelo caía;
 Sentado ao pé da magustal ⁵ fogueira,
 Vermelho e rubicundo
 O bendito e louvado São Martinho,
 – Que a cega antiguidade,
 Por não tomar a bula da cruzada,
 Nem jejuar aos dias de jejum,
 Beco chamava em sua escandalosa
 E mísera ignorância –
 Bastas fazia navegar, nos mares
 Da barriga santíssima,
 As puxantes castanhas;
 Banhos e quintas ao sossego antigo
 Despovoados tornavam;
 Voava a folha, sibilava o vento,
 E enfim, sem metafóricas perífrases,
 Era já meio Outono.
 Amor, Cupido, ou Ero, ou qual mais gostem.
 Dar-lhe baptismo ou crisma,
 Contento que não chegue
 A tanto o desaforo
 Que usem – como eu ouvi, por meus pecados,
 Co estes que a terra um dia
 Ou mar têm de comer –
 Por louca afectação de anglomania,
 (O que não farão modas!)
 Chamar-lhe em português... chamar-lhe *Love!*
 Amor pois ou Cupido,
 – Que assim nossos avós sempre disseram
 Em tempos venturosos
 Que tudo se chamava por seu nome,
 Que às belas se dizia

⁵ *Magusto*, no dialecto da minha província é a fogueira em que se assam as castanhas nos dias marcados pelo ritual minhoto.

Em português sincero e sem malícia
 O que hoje é força rebuçar no manto
 De alegoria equivocada –
 Amor, do rebulício da cidade,
 Do barulho enfatiado,
 Farto já de frechar cos áureos tiros.
 Os corações tão gastos,
 Usados, velhos, estropiados, frouxos,
 Da gente que a povoa,
 Para o campo fugiu donde ela foge.
 Lá nos singelos bosques,
 Nas símplices cabanas
 Singelos corações, símplices almas.
 Espera achar ainda
 Em Dáfnis e Amanha.

Por um ameno solitário vale,
 Em seus projectos embebido o nune,
 Caminhava..., eis da encosta de um outeiro
 Vê descendo gentil, esbelta dama
 Que bem, no airoso enfeite,
 No perluxo das modas,
 Conheceu que não era habitadora
 Da rústica espessura.
 Fugi-la quer; mas sentimento oculto,
 Que entre nós cá na Terra
 Se diz curiosidade,
 – Não sei como no Céu lhe chamam numes! –
 Sentimento imperioso
 No sexo lindo que nos doira a vida...
 – Que a doma se gozar sabemos dele,
 Que aos parvos a envenena –
 Este o reteve, suspendeu-lhe os passas.
 Quem será? Quer sabê-lo.
 Ei-los juntos; e Amor que à bela dama
 Cortesmente saúde:
 «No campo ainda e só, quando à cidade
 Apressurada corre toda a gente!
 Tão delicada, tão formosa dama
 Da quadra desabrida
 Os insultos não teme?
 Foge acaso o prazer da sociedade,
 E nestas mudas selvas
 Vem porventura desgraçada amante,
 Chorar na soledade?»

Não gostou do cortejo e cumprimento
 A ninfa bela, desdenhosa e dengue;
 Ofendida que O nome lhe ignorassem.
 Orgulhosa responde:

«Conhece-me o universo; em toda a parte
Templos, altares tenho;
Domino os corações governo as almas,
Sou uma deusa, e chamo-me Vaidade.
Por mim coa morte, cos reveses luta
O guerreiro no campo;
E ante o espelho traidor consome a vida
A beleza que aos anos se não rende;
Por mim o literato sobre os livros
Curva a frente abraçada
Por mim nos gestos, no falar se estuda
O adamado peralta
Por mim vivem contentes, satisfeitos
Os que menos razão têm de viverem;
E o mago meu poder se estende a tanto,
Que entro no seio mesmo aos que me ofendem,
Desprezam e injuriam.
Por meu influxo, nesse próprio escrito
Em que me insulta o sábio,
Corrige e apura o sábio o estilo, a pena,
Aos louvares armando.
Eu as soberbas, elevadas cúpulas
Ergo de vãos palácios;
E até na estância gélida da morte,
Nas mentirosas lápidas
Lavro pomposas letras
Que a enganado porvir levam memórias
De parvos, de maus reis, santões Tartufos,
De tonsuradas bestas.
Eu em certa famosa Academia
As charamelas tanjo,
As Conclusões defendo,
Em vândalo latim penara às tubas,
Tufo a brilhante borla
Com que as caveiras jumentais adorno.
Enfim até de amor perturbo o império:
Por mim, por meus auspícios,
A párvoa chusma dos galãs mais parvos,
Dos fofos petimetres
Já do sexo gentil não quer favores:
Indiferentes ao gozo e à ventura,
Basta que o mundo os tenha por felizes...
Por mim a dama desdenhosa e bela
Já não procura amores,
Nem de Vénus suavíssimos deleites,
Mas o gáudio maior, mais lisonjeiro
De que os outros a creiam
Cercada de servis adoradores,
De humildosos escravos...»

Ia por diante; mas o deus zangado.
 Furioso a interrompe:
 – «Basta; o nome de amor sou eu: não entra
 Tão fácil em meu reino
 Teu sacrílego pé: sobejas vezes
 De muitos corações tenho extirpado
 Teu petulante vício.
 Em vão esse Himeneu, que deus se chama
 E igual a mim se inculca,
 Ousa pleitear comigo:
 Os nós lhe quebro que apelide santos,
 E em seu templo introduzo
 – Embora a testa doa
 Aos míseros maridos –
 Quem me apraz, quem me segue, e a quem eu quero.
 Por mim se igualam desvairadas sortes,
 Que as baixas condições uno às mais altas.
 Lídia, a orgulhosa Lídia
 Que a ladainha dos avós empurra
 A todo o instante e a todos,
 Lídia que nunca ri... cum tiro as pompas
 E as sombras dos avós lhe desfiz n alma:
 Puni-a, fi-la escrava,
 Fi-la escrava... e de quem!... do seu lacaio.
 Togas, áureos bastões, borlas, espadas,
 Mítras, coroas, toucas e capuzes
 Ao meu império tudo está sujeito.»

Desdenhosa e sorrindo ouviu a deusa,
 E em submissa ironia lhe responde:
 – «Pois bem: assim será; não valha nada
 No coração das belas.
 Mas expliquem sem mim seu vária peito;
 Isso que o mundo apelidou capricho,
 Que em sua alma domina,
 Dize-me o que é? será sem causa o efeito?
 Suas obras tão variáveis, tão confusas,
 Com que os amantes pasmam,
 Não as decifro eu só, de mim não partem?»

Esquentou-se a questão; de novo os deuses
 Pró e contra razões alegam, mostram.
 E cabeçudo Amor, ela teimosa...
 Não acabavam nunca,
 Ficariam na mesma,
 Se o meio de findar contendas tantas
 Não acordasse à deusa:
 – «Prescindamos» clamou «de vãs palavras,
 Argumentos deixemos;
 Vamos a factos, e de nossas armas

Façamos experiência...

Saía a ponto do vizinho bosque
Pastorela inocente:
Alma inda nova, coração ingénuo.
No simples do vestido,
No mal composta das cabelos louras.
De sobejo mostrava:
Era toda ao pintar para a exp'riência.
Consentem ambos em provar, na bela
E tímida pastora,
O poder de suas armas.
Jurou Amor de dar-se por vencido
Se de seus magos tiros
Pudesse defendê-la a Vaidade.

Com lisonjeiro, plácido semblante
E com doces palavras,
Tomando-a pela mão, a afaga a deusa;
Pungente frecha Amor no arco embebe,
E mostrando-lhe a um tempo
Jovem pastor que dera inveja a Páris,
O tiro lhe dispara.
Voa a seta fatal... mas no momento
Em que lhe toca o peito,
Súbito a deusa aos olhos lhe apresenta
No mesmo instante cristalino espelho...
Pasma, extasiada e fixa
A símplice donzela,
O semblante gentil contempla imóvel;
Nem um só volver de olhos para o belo
Mancebo lhe escapou.

Sorriu-se a deusa; Amor de envergonhado,
De corrido fugiu.

Coimbra – 1818.

IV

ESOPO E O BURRO

FÁBULA

A TH. DA SILVA QUINTANILHA

Foi grande tempo, amigo,
 Aquele tempo antigo:
 Eram maiores penas e melões...
 Pois uma melancia?
 Por essa casa dentro não cabia.
 Bem o mostram as sábias conclusões
 Do famoso Gil Brás de Santilhana:
 Guardadas proporções, Se a conta não engana,
 Certamente seria
 A maçã com que a Adão Eva enganou
 Maior do que uma abóbora-menina:
 E então já bem se atina
 Como ela lhe encalhou
 No gargalo do pai da humanidade;
 Cuja enorme hombridade,
 Segundo o mesmo cálculo constante,
 Devia ser maior que a de um gigante.

Nesse tempo feliz da carochinha,
 Em que pato e peru, porco e galinha,
 Burros e burras – e o rinoceronte –
 Cabreavam, aí por esse monte,
 Com toda a mais canalha
 Que era da sua igualha,
 Toda essa corja dizem que falava,
 Como nós, na sua língua-místifório.
 Não sei se Deus fez bem no seu decreto
 Que a mercê lhe tirou do falatório;
 Pois, segundo mui douto me ensinava
 Meu mestre José Vez, homem discreto
 E de saber profundo,
 Em toda a sociedade deste mundo
 Por força há-de reger
 O famoso *direito de crescer*.
 Cresceu pana nós, tristes humanos,
 Toda a loquacidade
 De quantos bicharrões, bichos, bichanos
 Deste universo à grande sociedade
 Veio a perdas e danos:
 E assim vemos falar moços e moças,
 Velhos e velhas, sábios e tarelos,
 Com vozes finas e com vozes grossas,

O gentio, o cristão, moiro e judeu,
 Por quantos cotovelos
 Deus e o *direito de crescer* lhes deu.

Nesse tempo feliz então havia
 Em Grécia um corcovado
 Que de todo o animal, ave ou pescado
 Entendia e falava a algaravia.
 Muitas já tinha em grego traduzido
 Das famosas comédias,
 Altíssonas tragédias.
 Entremezes chistosos e engraçados,
 A que tinha assistido,
 Dos bichaços autores mais falados.
 Um dia passeando
 Por junto de um ribeiro,
 – Talvez algum diálogo pilhando
 De bichitos de couve ou formigueiro –
 Eis aí senão quando
 Direito a ele em frente
 Orelhudo jumento vem trotando;
 E depois de o saudar mui cortesmente
 Com uma cavatina
 Em notas que nem já Lablache afina,
 Findada o ritornelo,
 Assim o nassa burro,
 Em sua língua asinina
 De mui polido zurro,
 Ao corcunda falou,
 Quero dizer – orneou:
 – «Tenho um favor que te pedir, Esopo:
 No apólogo primeiro
 Que em língua traduzires da tua gente,
 Não me faças tão sapo
 Como, useiro e vezeiro,
 Fazes constantemente.
 Em meus discursas mete alguma graça
 E pilhérias com sal e com finura,
 Que eu, a zurrar, sou forte na chalaça.»

O bani do Esopo olhou para a figura
 Do elefante orelhudo,
 E com tão destampada,
 Tremenda gargalhada
 Lhe respondeu ao animal felpudo,
 Que ele, de orelha murcha e mui trombudo,
 Se foi sem dizer nada.

Do sincero de Esopo quão diferentes
 Andam certos autores

Que altissonantes falas farfalhudas
Emprestam a patetas grão senhores,
Excelsos presidentes
De pedantes reais Academias,
Ilustres senadores
Que as cacholas vazias
Inchados ornam de compradas flores!
Quantos há aí garraios descarados
Que vão pimpar, sem pejo, pelos púlpitos
Com os sermões espúrios
Que aos padres-mestres da Ordem são furtados!
Quantos vetes servis, lamosos gansos
Que, em vis dedicatórias campanudas,
De podres versas ranços,
Na linguagem da Fénix Renascida,
Vão dar ética vida
A Zenóbias barbudas;
E a Mecenas palhaças
De sabichões da Grécia dão fumaças!

Mas Esopo ficou qual dantes era,
E o burro, burra estreme;
Mas aos nossos Mecenas seca e treme
Na frente o oiro, a hera
Com que venais poetas
Lhes coroaram as testas de patetas,
Em trovas sensabores;
Mas os nossos modernos escritores
Ficam asnos sem siso
Para os homens de bem e de juízo.

Coimbra – 1820.

V

O MENINO E A COBRA

Cume cobra doméstica folgava
 Criança inocentinha,
 E «Meu bicho» dizia a criancinha;
 «Contigo tão seguro eu não brincava
 Se primeiro, o veneno refalsado
 Não te houvessem tirado.
 Que vós sois muito más, muito ingratonas.
 Minhas serpentezonas.
 Oh! nunca a tal história me esqueceu
 Daquele homem que a cobra achou na rua
 – Talvez fosse avó tua –
 E tanto se doeu
 De a ver toda de frio retransida,
 Que no seio a meteu
 E consigo a aqueceu.
 Que fez a bicha mal-agradecida?
 Apenas se recobra
 A traidora da cabra
 Vai, e zás! – e mordeu
 O pobre homem, que logo da ferida
 Venenosa morreu.»

– Bem parciais, responde-lhe a serpente
 São as vossas histórias;
 Recontam-nos o caso mui diferente
 Lá as nossas memórias.
 O teu homem, que tens por caridoso,
 Creu realmente a cobra já finada,
 E foi, por cobiçoso
 Da pele, que era linda e mosqueada,
 Que o teu santinho de home' a quis salvar:
 Era para a esfolar. –
 «Vai-te» responde em cólera a menino,
 «Vai-te, bicho mofino:
 Todo o ingrato é ladino
 Para se desculpar,
 E ao seu benfeitor caluniar.»

O pai da criancinha, mui contente
 Toda esta conversa ouvindo esteve;
 E – «Pois, meu filho» disse «honradamente
 Julgaste como deve
 Todo o homem de bem:
 Mas é preciso em tudo *ser* prudente,
 E injusto com ninguém.

Há casos de tão feia ingratição,
Que a razão
Não se atreve
A crê-los, sem exame, assim de leve.
Raras vezes a ingratos obrigaram
Os que são verdadeiros benfeitores;
Mas o mundo, meu filho, por desgraça,
Harto está cheio de ruins Mecenas,
De falsos protectores,
Que a detestável raça
Dos ingratos no mundo propagaram.
Arrastados favores,
Inda menos baratos
Que interesseiras sórdidas onzenas,
O que hão-de produzir, senão ingratos?

Coimbra – 1821.

VI

A SAÚDE E A MEDICINA

Já tenho, meu Elói,⁶ tudo emalado;
 Fica até no baú o estro fechado.
 Mas antes de partir,
 Quero contar-te um conto, que hás-de rir.
 Ontem o encontrei
 Naquele teu Pignotti tão magano;
 E, se em meu português não desbotei
 As cores do italiano,
 Hás-de-lhe achar a graça que eu lhe achei.
 Vou abrir o baú, e venha o estro!
 Sobre o canhão da bota.
 Como dizer se usa,
 Farei regrinhas curtas e compridas.
 Botas... e esporas tenho já cingidas,
 Montarei o Pégaso, que nem trota
 Comigo de esfalfado.
 Eu muito descansado
 Aí me vou choutando;
 O meu conto contando.
 O conto é da Saúde e Medicina...
 E trata de te rir,
 Que, se não ris, serviu-te a carapuça
 É um reles doutor de mula ruça
 Doutor que se amofina
 E não quer Consentir
 Que a pobre, atormentada humanidade
 Se desforre uma vez coa faculdade.

Jove, esse Jove em Grécia tão temido,
 Que imperava nos céus, nos elementos,
 Nos raios e nos ventos,
 De moda enfim caldo,
 O crédito perdeu e está falido.
 Mas quando ele reinava
 Viam-se casos neste baixo mundo
 Que o vulgo parvo assegurar ousava
 Desdizerem de seu saber profundo:
 E neste ponto a grega teologia
 Por desculpa dizia
 Que, ao dar ordem a coisa tão soez
 Como é desta vida o entremez,
 Lhe caem muita vez
 Os óc'los do nariz;

⁶ O Dr. João Elói Nunes Cardoso, de Montemor-o-Novo outro amigo velho verdadeiro, da Universidade.

E que nestes momentos
Tudo o que faze diz
É asneira – sandice por um triz.
Em um destes acessos mazelentos,
Em que de facto, do nariz divino,
E sem ele dar tino,
Tinham caído os seus óculos bentos,
A terra nos mandou,
Só para nosso bem, como julgou,
Duas boas divindades companheiras,
Ambas ricas herdeiras
De sua graça divina:
A saber, a Saúde e a Medicina.
Na força juvenil tinha uma delas
Ágeis e vigorosos
Fortes os membros, cheios, musculosos,
Tintas de cor rosada,
Florida e engraçada
As frescas faces belas;
E nos olhos tranquilos e gozosos
Tinha a indolência com a paz pintada.
A outra, de gesto magro e macilento,
Cabelo pouco, e o pouco de alvo argento,
Com as faces rugosas descaídas,
As carnes ressequidas,
E em círculos de chumbo encaixilhados
Os olhos encovados
Remelosos, vidrados.
Entrançada de malva e de chicória
Ampla coroa a frente lhe cingia,
Como um 'splendor de glória;
E a negra sotana que vestia
Roto, e coçado o pêlo, lhe luzia
Com erudita e sábia porcaria.
Aos ombros alquebrados,
Que a muita idade empena.
Em forma de capuz, junto ao toitiço
Assim como uns calções esfarrapados
De antigo, velho riço,
E da cor de bandeira em quarentena.
Num frangalho da tal coisa amarela,
Lhe pendia, à feição de bambinela,
Não Tosão de Ouro ou a Polar Estrela,
Vermelho Cristo ou roxo Sant'Iago
Mas o instrumento aziago...
Certo tubo que todos conhecemos,.
Que no lúbrico pau escorregando,
Enquanto vai e vem assim brincando,
Ao nobre ofício serve que sabemos...
Cingida era de em torno

A venera pendente
 De um magnífico adorno
 De pílulas, lancetas em pingente,
 Sinapismos, ventosas,
 Com que, a modo de pedras preciosas,
 A nova Ordem militar fulgia,
 De Esculápio em memória e honraria.

A este sábio Mentor, Jove entregara
 Em guarda a bela deusa das rotundas
 Bochechas rubicundas,
 E mui severamente
 Que em tudo a governasse, lhe mandara.

Ei-las, breve, a caminho:
 E a deusa obediente
 Submissa e reverente,
 A sua mestra seguia
 Como ao guardião faria
 Um tímido noviço capuchinho.
 Mas alguns passos dados,
 A magra Medicina
 Prega na outra os olhos encovados,
 De admiração malina
 Franze o sobrolho esguio,
 E, tomando-lhe o pulso, em ar sombrio,
 Com palavras que ignoras,
 Profano vulgo, graves e sonoras,
 Disse – «que a robustez já muito atlética
 Que lhe achava, a fazia mui pletórica,
 E daria em pleurítica ou frenética.
 Provou-lhe mais com médica retórica
 Que um excesso mui rude
 Sofria de saúde;
 E para que o morboso estado mude,
 E ela possa viver seguramente,
 De todo era forçoso
 Que tivesse o seu tanto de doente.»
 Disse, empunha a lanceta,
 Fere um vaso venoso,
 E à pobre da pateta
 Três libras de sadio e generoso,
 Vermelho sangue puro lhe sacou:
 Muito menos a muitos já matou!

Mas era a paciente
 Tão pouco natural a estar doente,
 Que à sua directora vigilante
 De melhorar não deu sinal bastante:
 Pelo que foi gramando, às ordens dela,

Nojenta beberagem amarela,
 Fedorenta, asquerosa,
 Em dose prodigiosa
 Tanto, tanto bebeu,
 Que a rebelde natura enfim cedeu.
 O apetite, o vigor
 Iam diminuindo;
 E a brilhante cor,
 A frescura das faces vai fugindo.
 – «Bravo e, gritava a outra em ledó aspeito,
 «Bravo, que a arte vai fazendo efeito!»
 E temendo funesta recaída
 Em quanto de uma vez
 Não tinha debelada e bem vencida
 Do morbo a robustez,
 Manda avançar as hórridas catervas
 Dos xaropes, conservas,
 Seguros laxativos,
 Fortes aperitivos...
 Com tal força e poder, que a desgraçada
 Em sua consciência
 De todo em todo se sentiu curada.
 Mas com tanta ciência
 Tão eruditamente era tratada,
 Por via de tão graves aforismos
 E agudos silogismos,
 Lardeados de grego e de latim,
 Que até, morrer assim,
 Morrer nesta doçura,
 Morrer tão sabiamente era ventura.

Da nossa boa aluna, por má sorte,
 Era estúpida um tanto a natureza,
 E romba de agudeza:
 Graça a mais superfina
 Que nos pode fazer a mão divina!
 De tão ditosa morte
 Não pode compreender toda a beleza.
 Cobrou medo a mofina
 Da ciência divina,
 E, sem mais Deus te salve ou mais embora,
 Desanda-me a fugir, dando à canela
 Por esse mundo fora.
 Larga a outra atrás dela
 A correr... e correu, e correrá...
 Mas nunca a apanhará.
 E de então para cá
 Ninguém mais se gabou
 De que juntas ou perto as encontrou.
 Tal medo uma da outra concebeu,

Que aonde a Medicina apareceu,
É logo – num momento
Foge a Saúde mais veloz que o vento.

Coimbra – 1821.

VII

O GALEGO E O DIABO

Eu, por mim, gosto de contos,
 Diga o mundo o que quiser;
 E para matar o tempo
 Um conto quero escrever.

Matar o tempo é preciso
 Aos ignorantes – dirão;
 Ao sábio sempre ele corre
 Voando, que lento não.

Porém, amigo censor,
 E quem me fez sábio a mim?
 Sou eu lente ou académico,
 Pregador ou coisa assim?

Verdade é, no Quebra-Costas
 Minha vez escorreguei,
 Fui preso por Verdeais,
 E à porta Férrea m.. .ei.

Mas que doutor fiquei eu
 Se nunca o Martini li,
 Se, o que soube da *Instituta*
 E do *Digesto*, esqueci?

Sabenças para que servem?
 Bruxaria, eu t'arrenego!
 Vou-me contar o meu conto;
 E o meu conto é de um Galego.

Era uma vez um Galego
 Boçal, felpudo e lãzudo,
 Um Galego em corpo e alma.
 Em chancas, juízo e tudo.

Nunca lá das Galileias ⁷
 Saiu cabeça tão romba
 A alistar-se nas companhas
 Dos bravos heróis da bomba.

Melena loira e comprida,
 Azeitada e corredia,
 Olho azul, pasmado e parvo,

⁷ Terra de Galegos, em dialecto escolástico.

Boca aberta, a barba esguia;

Calção de abanante orelha,
 Por onde fura o quadril,
 Nos pés a fragrante chanca,
 As costas saco e barril;

Eis aqui a vera efigie
 De Tiago Manuel Juan,
 O mais fiel dos Galegos
 Que jamais *comieron pan*.

Em devoção não falemos,
 Que nisso era exemplar;
 Deixara um prato de tripas
 Para à missa não faltar.

A miúdo ia a confesso;
 E nunca o sono o pilhou
 Senão a rezar o terço,
 Que – nunca mais acabou.

Em duas ou três igrejas
 Era freguês de *bazar*;
 O seu barril tinha a honra
 De água benta às pias dar.

Tão devoto, tão modesto
 Nunca houve outro Tiago;
 Não há memórias de ouvir-lhe
 Nem uma só vez um – *ajo*.

Um dia, à volta das onze,
 Cansado de apregoar,
 – Era em Julho, que escaldava,
 Um calor mesmo de assar!

Numa igreja de capuchos
 O bom de Tiago entrava;
 E a igreja tão fresquinha,
 Que à oração convidava.

Por tendência natural,
 Instinto de chafariz,
 Ajoelhou ao pé da pia,
 Herdeira de seus barris.

Mal se tinha *santiguado*,⁸

⁸ Feito o sinal da cruz.

Isto é, se persignou.
Um berreiro destampado
Detrás de si escutou:

Era um membrudo capucho.
Destemido Ferrabrás
Que, a duros botes de estola,
Brigava com Satanás.

Tinha-se o demo encaixado
No bojo de uma beata,
E dali se defendia
Como de uma casamata.

Arrepiaram-se as melenas
A Tiago no toitiço.
Pôs-se-lhe em pé no cachaço
Até o próprio choiriço.⁹

Mas o olho arregalado
Em ponto de admiração,
Não se atrevia a tirá-lo
Daquela horrível visão.

Travava a descompostura
Do dize-tu-direi-eu...
Falava o frade latim
Que nem o demo entendeu.

Satanás é bom latino;
Ninguém lho pode negar:
As silabadas do frade
Faziam-no blasfemar.

Grita o frade: – *Abrenunci-ó!*
E o cachorro do Asmodeu:
«Assim não me deitas fora;
Diz *abrenún-cio*, sandeu.»

– Latim sabe ele, o maldito...
Disse o frade aos seus cordões;
Que os frades, como os não usam,
Não falam coa seus botões:

– No latim me venceu ele,
E não fez grande façanha;
Ele é o Diabo, e eu sou Capucho!
Veremos se o faz na manha. –

⁹ O non-descriptum de trapo e cordagens que o galego põe no cachaço quando carrega a pau e corda.

Ria o demo às gargalhadas
 Por ter o frade encovado;
 E o Capucho, de velhaco,
 Dava-se já por cangado.

Mas coa mão à caldeirinha,
 Sem que o pesque Satanás,
 Vai mansinho..., e de repente
 Prega-lhe a hissopada – zás!

Deu tal estoiro a beata,
 Que parecia uma bomba...
 Não era ela, era o demo:
 Cheira a enxofre que tomba.

– Eu te esconjuro, maldito!
 Brada o frade em português;
 (Que não quis comprometer
 O seu latim desta vez)

– Eu te esconjuro, maldito!
 Que deste corpo te vás,
 E não tornes a entrar nele,
 Negregado Satanás. –

«Vou-me» disse o porco-sujo,
 «Vou-me embora, Frei Sandeu,
 Que me escalda essa água benta.
 Mas para onde hei-de ir eu?»

– «Para onde?...» E deitando os olhos
 A um lado de improviso,
 Deu o frade com Tiago
 Que rebentava de riso.

Tiago, de um grande medo
 Passara a grande alegria
 E, esfregando as mãos no caco,
 Como um perdido se ria.

Leitor não te escandalizes;
 Que o ver logrado o demónio
 Até fez perder de riso,
 Num sermão, a Santo António.

– Para onde?.. repete o frade
 Que me importa a mim, pespego?
 Vai-te meter, se quiseres
 No o... daquele Galego. –

Conhecem-se os grandes homens
Nas grandes ocasiões:
Tiago, sem mais demora,
Deitou abaixo os calções,

E, em menos tempo ainda
Do que o demo esfrega um olho,
Já na pia da água benta
Tinha ele o seu de molho.

Bate-me quatro palmadas
No rechonchudo de trás,
E diz-lhe: – Agora, sô diabo,
Venha pra cá, se é capaz. –

Havre de Graça – 1824.

VIII

O CASQUILHO

(JANOTA)

FÁBULA

Quem de Ovídio os contos leu
 Certo inda tem na memória
 A mais curiosa história
 Que ele em seus contos meteu:
 – De como Jove indignado
 Cuma nação de velhacos,
 Para os não fazer em cacos
 Os converteu em macacos.
 Vendo-se assim humilhado,
 Veio o povo castigado,
 De contrito coração A pedir perdão
 Ao deus que fulmina o raio e o trovão.

Fazendo caretas, ganindo e guinchando
 Lhe vinham bradando
 Em mona e bugia:
 – Restaura-nos, é padre soberano,
 O antigo Vulto humano
 Coa perdida razão. –

O Tonante, a quem passado
 Era o primeiro furor,
 Dos bugios ao clamor
 Prestou ouvido apiedado;
 Mas do macaco requerimento
 Não despachou senão ametade,
 E o resto a deidade
 Mandou dispersar nas asas do vento.

Mal o aceno omnipotente
 Troou na celeste abóbada,
 A monaria contente
 Se ergueu altiva, impávida;
 Toda se empavesou
 E repimpou;
 E como gente
 A andar por esse mundo se deitou.

O pêlo esfarripado,
 Que as cabeças té'li lhes ouriçava,
 Em lindos caracóis se debruçava
 Agora pelo rosto transmudado.

Não mudou por dentro o caco,
Que ficou sempre macaco;
E a cara por fora
Também não mudou muito do que fora.
Os mesmos focinhos,
As mesmas caretas,
E os parvos risinhos
E as fofas e as tretas.

Assim meio mudados, meio não,
Lhes fez o padre Jove um bom sermão,
E lhes mandou tomar
Ao pé da raça humana o seu lugar.
O homem com desprezo o bicho olhou,
Nem sequer nome para dar-lhe achou;
Mas a mulher gostou
Da tal farófia de aparente brilho,
E á *coisa* pôs o nome de – *casquilho*.

Londres – 1829.

IX

OS AMANTES GENEROSOS

CONTO

A J. LARCHER

Pois os mimosos sons da branda musa
 Do tão gentil Bernard, na pátria lira
 Queres ouvir suave modulados,
 E em luso traje disputar-se um beijo
 De Tempe os generosos amadores,
 As cordas ferirei por comprazer-te,
 Cortar-lhe-ei galas dos pastores nossos;
 Na língua de Camões, se posso tanto,
 Virão aqui a suspirar de amores;
 E os ecos destes vales mais sinceros
 Te dirão suas falas namoradas,
 Tu, que és meio francês, meio germano,
 Que à meiga Deshoulières canções tão finas,
 Que a Gesner mais singelo ouviste o canto
 Na própria avena de seus tons cantado,
 Se os teus pastores nas ribeiras nossas,
 Nestas suaves margens do Mondego
 Vires diferentes, demudada a graça,
 E alternando sem arte a cantilena
 Que em seu pátrio idioma foi tão bela,
 A ti só, que o quiseste, imputa o erro,
 Nem acoimes à língua tão formosa
 O desprimor e as faltas do poeta.

Junto aos vales de Tempe, amena estância,
 Mansão querida de Pomona e Flora,
 O jovem Hílas, Egle inda mais jovem,
 Ambos loucos de amor, o amor se ocultam.
 A um terno olhar suas falas se limitam,
 Sua chama constrangida não se exala:
 O inocente pastor falar não ousa,
 Nem, que falasse, a simples o entendera.
 Mas tarde ou cedo, se o desejo a inflama,
 Amestram a inocência amor e a caridade.
 Tirou-os deste nada em que jaziam
 O acaso um dia. A sombra da espessura,
 Tão bela, ou mais que amor, Egle dormia,
 Hílas a encontra. e os olhos namorados
 Para admirá-la não lhe bastam ambos.
 «Vénus e, exclama, «eu túbio em teu serviço
 Ouso implorar-te: dá-me que estes lábios,
 Enquanto aqui na relva Egle descansa,

Possam nos seus colher suave beijo.
 E eu te juro, é divina Citereia,
 Que em troco lhe darei dois mansos pombos
 Muito mais lindos que os que tens em Chipre.»

O voto fez-se; o beijo foi colhido:
 Fingido sono aproveitou à bela,
 E, à noite, o preço recebeu do voto.

Veio outro dia, e Egle a dormir sempre...
 Mas não dorme o pastor: – «Deus dos amores,
 Vês ali quanto adoro neste mundo.
 Ah, de tanta beleza, tantas graças
 Consente que uma só eu goze ao menos.
 Se eu pudesse – sem que Egle o pressentisse.
 Sob o lenço invejoso ir coa mão trémula
 Tocar naqueles cândidos tesoiros,
 Dar-lhe-ia pelo roubo – tão secreto!
 O cordeirinho que entre os meus mais quero.
 Oh! adormece, amor, Egle formosa e

O mais profundo sono Hilas encontra,
 Viu, tocou, apalpou, beijou cem vezes
 O seio de Egle, que retém manhosa
 Até o respirar, e a sono solto
 Mais dormia... quanto ele mais velava.

Custou-lhe no outro dia a vir ao bosque,
 Tímida ainda e vergonhosa a bela;
 Mas veio enfim... Foi só curiosidade,
 Tinha curiosidade – era o que tinha –
 De saber que presente aquele dia
 Lhe faria o pastor; veio. Após ela
 Hilas veio também: – «Eternos deuses,
 Aqui a encontro! Oh! concedei-me agora
 Um último favor, que nos seus braços
 Eu goze enfim doa seus encantos todos.
 Ah! vós bem o sabeis: eu nada tenho,
 Mais nada já do que o meu cão – e dou-lho.»

Oh que pesado sono Egle dormia!
 E é bem de crer que o instante em que o mancebo
 No êxtase do prazer fechara os olhos,
 Os lindos olhos de Egle não se abriram.
 Mas o sonho acabou... e despertaram.
 O pastor embrenhou-se na espessura
 E o cãozinho fiel ficou coa bela.

Encontraram-se à tarde, envergonhados...
 A pastora corou, ele suspira...

Sós se achavam, sem medo, sem receios...
 Ao amante acordada Egle se entrega,
 Acha mais doce não dormir agora,
 E toda a embriaguez do amor conhece:
 Quantos dons de pastor Egle recebe,
 Com dulcíssima usura os restitui.

Mas as antigas dádivas pesavam
 A pastora gentil: – Sei que te devo
 Duas pombinhas que uma vez me deste.
 E se me elas fugirem! vivo sempre
 Neste receio! Toma-as lá, e o preço
 Que por elas te dei também mo torna. –
 Sorriu-se o jovem, e pagou-as... ambas.

Um momento depois o cordeirinho
 A pastora lembrou: – Tanto te quero.
 E hei-de-te privar do que mais amas?
 Tão bonito! era a tua companhia,
 Comia-te nas mãos! Nada, não quero:
 Recebe-o, que te dou. – E o cordeirinho
 Foi restituído. – O cão só lhe restava:
 Novas razões, e enfim ordem por força
 De aceitar outra vez o seu rafeiro:
 – Não tens mais que um, é o guarda do rebanho,
 Recebe-o, doce amante, e ainda em cima,
 De fora parte te hei-de dar um beijo.
 Eu não quero mais dádivas, querido;
 Com o teu coração estou contente. –

Oh! tais dons para dar custaram pouco,
 Mas o preço da entrega era dobrado...
 O pastor afroixou, negócio sério
 Veio por fim a ser o tal brinquedo.
 Ao pé de Egle acordada Hilar dormia...
 E ela, que mais pretextos já não tinha,
 A suspirar dizia tristemente:
 – Não me dar ele todo o seu rebanho! –

Coimbra – 1821.

NOTAS
ÀS FÁBULAS E CONTOS

Nota A

*Um tal poeta lá da tua terra
Que faz Orientes e baptiza Gamas.....*

Este verso, e um Soneto, que é o X na colecção do presente vol., são as duas únicas debilidades em que cai mostrando má vontade satírica ao bem conhecido Padre José Agostinho de Macedo, homem de estudo e talento, mas o mais atrabiliário escritor que ainda creio que tivesse a língua portuguesa. O rancor que toda a vida professou a quantos professaram as letras no seu tempo, uma inveja imprópria de talento tão verdadeiramente superior, o arrastou a desvarios que deslustraram o seu nome e mancharam a sua fama. Nem o furioso e sanguinário que foi em seu partido, nem a perseguição política de que a mim próprio me fez vítima, puderam mover-me a desacatar nele o homem de letras que todavia honro ainda. Sei que no A. do *Retrato de Vénus*, no redactor principal d'*O Português*, ele perseguia principalmente o ainda mais odioso A. do poema *Camões*. Todas as suas ofensas porém foram só políticas; literariamente não me agravou jamais. Perdoe-lhe Deus como lhe eu perdoei sempre. A posteridade não lhe perdoará decerto a sua estulta rivalidade com o autor d'*Os Lusíadas*: foi a essa que os versos anotados aludiram Queimava-os se fora a outra coisa. Meter as letras nas nossas questões políticas e nas mesquinhas e soeses paixões individuais que delas nascem, é para a baixa vilania doa insultadores *públicos*, desprezíveis rãs do charco estagnado da intriga que nem sequer para si coaxam, mas para quem os faz coaxar por sua conta.

Nota B

Conto académico.....

Este conto é uma verdadeira gaiatice de estudante de Coimbra que despede chutas à direita e à esquerda como pancadas de cego. Se o dicionário da nossa Academia ficou no *Azurrar*, a colecção de suas preciosas memórias cantou bem alto e sonoro; muito receio que fosse cantar de cisne!

Nota C

O famoso direito de crescer.....

O direito de *crescer* é o que em qualquer sociedade resulta ao todo dos sócios da renúncia tácita ou expressa que de seu quinhão faz um deles. No meu primeiro ano da Universidade era a explicação deste romanismo um doa pontos mais graves do curso de Direito.

Nota D

O menino e a cobra.....

É imitação esta fábula de uma composição alemã do século passado, não me lembra de que autor.

Nota E

A Saúde e a Medicina.....

Imitação, e quase tradução em muita parte, da fábula de Pignotti do mesmo nome.

Nota F

Fui preso por Verdeais.....

Até a cor das fardas dos arqueiros da Universidade mudaram os fomentadores de 1834-5. Dizem que os pintaram de azul! Não tenho ânimo de ir a Coimbra, nem olhos com que tal veja. Os verdeais azuis! Que reforma!

Nota G

O Casquilho.....

Imitação de um apólogo inglês, cujo autor me não lembra também.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
